



## O poeta e seus deltas: onde nasce a poesia?

*O retorno de Bennu*, de Majela Colares

Maria Inês Pinheiro Cardoso\*

Não são muitos os poetas que operam mudanças na ordenação íntima das palavras. Foi isso o que me aconteceu ao ler, por primeira vez, um poema de Majela Colares, em cujo título “Minha aldeia e meus chinelos” reuniam-se “aldeia” – palavra primitiva e poderosa, capaz de transmutar poeticamente o lugar onde o homem habita – e “chinelos”, palavra sem entrada em meu pequeno dicionário poético. Eis, no entanto, que aqueles “chinelos” arrastavam o mundo e muito mais. Assim, em meu dicionário, “chinelos” ganhou verbete.

Daí em diante, além de *As cores do tempo* (2007), onde li “Minha aldeia e meus chinelos”, encontrei-me com a poesia de Majela Colares em *A linha extrema* (1999); *O silêncio no aquário* (2004), em edição bilíngue português-alemão; *Confissão de dívida e outros poemas* (2001); *Quadrante lunar* (2005); *O soldador de palavras* (1997); *Outono de pedra* (1994), e persegui as posteriores, reunidas em *Memória líquida* (2012) e em *Margeando o caos* (2013), este último em edição bilíngue português-catalão, traduzido por Joan Navarro, como *Vorejant el caos*.

Nessas incursões desatentas à cronologia das obras, encontrei-me sempre com um poeta maduro, arraigado às suas experiências e ao seu entorno, a lançá-los – e a si mesmo – ao encontro do

\* Professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

mundo. Esse desejo de unir-se ao outro através do fio noveloso da vida e da seiva da humanidade, que é, no final, o que nos traspassa e une a todos, e o chamamento da palavra poética e seu domínio transformam-no em fino tecelão, naturalmente votado à amplidão harmoniosa dos bordados e rendido às epifanias que traduzem tal desejo. *O retorno de Bennu* (2018) diz da busca abissal do lugar da palavra e do espírito da poesia: “Foi o grito da ave Bennu na criação do mundo que marcou o início dos tempos” (p. 17), esclarece o autor. Mas diz sobretudo que o homem e a poesia são as matérias do tempo. Os tempos do verbo e da natureza.

Majela cria metáforas e também cultiva mangas, ofícios que, afinal, não distam tanto entre si. Reconhecer as fases da maturidade da fruta, o dulçor e o amarelo certos de sua polpa, à hora da colheita, requer sensibilidade, como o transitar pelos diversos veios do rio da poesia. Travessia segura que já garantiu ao poeta contundente fortuna crítica. Esta reúne nomes de distintas gerações e ascendências, e de indiscutível autoridade e rigor crítico no cenário literário brasileiro e fora deste, entre os quais figuram Fábio Lucas, Fernando Py, Fausto Cunha, Caio Porfírio Carneiro, César Leal, Foed Castro Chamma, Francisco Carvalho, Ivan Junqueira, Hildeberto Barbosa Filho, Janilto Andrade, Jorge Tuffic, José Alcides Pinto, Antonio Carlos Secchin, Alexei Bueno, Marco Lucchesi, Paulo Ferraz, André Seffrin, entre outros críticos, escritores e ensaístas brasileiros, além de Xosé Lois García, poeta, crítico literário e professor da Universidade de Barcelona; do escritor e tradutor alemão Curt Meyer-Clason, responsável pela tradução para o alemão das obras de Guimarães Rosa e do livro de Colares *O silêncio do aquário / Die Stilleim Aquarium* (2004); do crítico literário Francisco Soares, professor da Universidade de Évora; e da

poeta, ensaísta e crítica literária Norma Pérez Martín, professora da Universidade de Buenos Aires.

Alexei Bueno, que incluiu o autor cearense, nascido em Limoeiro do Norte – ou na Ribeira do Rio das Onças (Rio Jaguaribe), como ele prefere dizer –, em sua *Uma história da poesia brasileira* (2007), é autor de “A específica experiência vital de Majela Colares”, texto crítico que prefacia *O retorno de Benu*. Ao apresentar o livro e suas quatro seções – “Percepções”, “Alumbramentos”, “Confluências” e “Lampejos” –, Bueno se refere aos “poemas em prosa, de irretocável andamento rítmico” (2018, 21), que compõem a primeira seção como um pórtico do livro. Os cinco poemas que constituem “Percepções” são, de fato, um portal, belo e delicadamente construído, através do qual se chega ao coração do cantor e de sua poesia.

Não apenas pela vertigem da viagem ao coração do poeta, essa primeira seção do livro, incursão de Majela pela prosa poética, merece mais vagar. Nela, o autor abandona um aspecto insistentemente elogiado de sua poesia: a composição formal, de perfeito arremate, aberta a uma multiplicidade que se ajusta, não a caprichos do poeta, mas à “demanda” do próprio poema. Esse mérito da composição está selado por expressões a ele atribuídas, tais como “alvanel da palavra”, segundo Janilto Andrade (2009, 189), ou “verdadeiro arquiteto”, em palavras de Xosé Lois García (2009, 210), capaz de erguer enorme monumentalidade poética. Outras expressões remetem à capacidade laboriosa do autor de beneficiar mesmo a matéria menos dócil, que se traduz, segundo Foed Castro Chamma, em um “sentido metalúrgico conferido ao uso da palavra” (2005, 10). A versatilidade do autor no tocante às formas é patente para a crítica. Norma Pérez Martín chama a atenção para a “fluidez e o ritmo ajustado em composições com estrutura canônica (como o soneto), da mesma forma que em estruturas

modernas e livres” (2009, 186; tradução minha).<sup>1</sup> Francisco Soares atenta para o destemor de Majela em relação à forma clássica e para a habilidade múltipla de sua poesia, “etérea e corpórea” (2007, 200). De forma mais abrangente, Fernando Py declarou, quando o então jovem autor publicou seu quarto livro, que Majela, sempre consciente de seu fazer poético, era poeta por excelência que já gravara seu nome na história de nossa literatura (2009, 180). Esse mérito, que a poesia de Majela lhe assegura, de “consumado poeta lírico, oscilando com notável liberdade, entre a forma fixa e o verso livre” (Bueno: 2018, 20), constata-o o leitor, mais adiante, na segunda seção de seu livro.

Embora obra do escritor maduro, *O retorno de Bennu* oferece, já em sua primeira seção, um novo terreno onde a poesia, cuidadosa, mas honestamente, deixa-se fluir na aparente liberdade da prosa. Liberdade, desejo-ensonhação de Baudelaire, capturado pela epígrafe escolhida. Inaugura, pois, a seção e o livro, “Manuscrito”, poema que sela uma promessa. O diálogo entre o pensamento e a escrita é uma carta de intenção da “mão relutante” que se move ao papel somente, e apenas somente, porque busca penetrar o segredo da arte – capaz de provocar uma estrela, apenas para deixar no poeta um cheiro do céu. Mesmo sob o risco da condenação de “dois terços de ano-luz sem tocar em qualquer objeto que pudesse servir-lhe para rascunhar um manuscrito” (p. 32), o poeta acorda os filhos de sua fantasia, que dormiam em silêncio, esperando que a arte os vestisse da palavra para poder apresentar-se bem na cena do mundo, como escreveu, sobre a poesia, Gustavo Adolfo Bécquer (1974, 9).<sup>2</sup> E prossegue.

<sup>1</sup> Texto original: “fluidez y ajustado ritmo en composiciones con estructura canónica (como el soneto) al igual que en estructuras modernas y libres”.

<sup>2</sup> Texto original: “Por los tenebrosos rincones de mi cerebro, acurrucados y desnudos, duermen los extravagantes hijos de mi fantasía, esperando en silencio que el arte los vista de las palabras para poderse presentar decentes en la escena del mundo”.

Em seu percurso, no qual se irmanam lírica e música, segue-se “Cantata”, melodiosa ode aos poderes da infância e das estrelas – faróis luminosos, através dos quais o poeta chega aos seus sons, cheiros e sabores do passado. Talvez para não esquecer quem é e ao que é chamado a ser. A poesia de “Cantata” ora desliza sibilante, ora brinca saltitante, em um concerto afinado de sonoridades evocativas, até bater-se contra o peito insensível de quem nunca se habitou por grilos e estrelas. Os versos tão íntimos parecem ecoar uma popular marchinha dos carnavais recifenses em que também havia uma vez “um pequenino grão de areia”.

Ao retirar o espelho do tempo de frente de si, e diante da inquietude que permanece, o céu se torna a medida do sonho em “Miragem”, quando o poeta revisita Centaurus, Andrômeda, Cão Maior e a Via-Láctea, percurso estelar constante do inventário galáctico que domina. Mas, sequestrado pelo alheamento, deixa-se evocar pela “luzazuli lampejante IC 110, quanticamente aquática” que amplia a vastidão de um céu que julgava conhecer, rumo a outras existências. Ainda assim, também a humanidade que nos habita é coisa grande como o céu, e no abraço que acolhe o irmãozinho, amigo e camarada, o poeta se projeta na extensão indevassada, guiado sempre pela luz que alumia novas possibilidades, rumo à infinidade cósmica, onde quer que a vida pulse.

É em “Mormaço”, ao final, onde a memória rende o autor e ocupa todo o espaço da poesia, que faz parada em cada instância da alma e dos sentidos: cheiros, texturas, balidos, sabores e lampejos. Imagens. Fulgurações. Sinfonia: “Do fundo da memória vieram-me essas imagens, [...] galopando por entre o mormaço aflorado nas primeiras chuvas e o verde pelúcia entressonhado no olfato das minhas revivências infindas” (p. 35). Nenhum recuo, nada menos

que amálgama das coisas no ser do poeta, corpo e alma preenchidos, mapeados, datados e dotados da permanência dessas marcas evocadas ciclicamente.

“Cantata”, “Miragem”, “Mormaço”, poemas em prosa que parecem epístolas, do adulto ao menino que foi, ou o inverso disso, do menino que cisma sobre o homem que será.

“Ruminanças” é o último arco do portal, de onde se vislumbram geografias do sertão, reino do sol esfomeado que tudo cobre. Na poesia, bafeja o hálito sertanejo desse sol que, desabando escuridão adentro, invade a noite emprenhando de fome os que nela se movem, silenciosamente, carregando sua sombra por um outubro, lá longe de chuva. Bichos, terra, sol, homens, num só novelo, emaranhado vivente da paisagem austera e melancólica da seca, no sertão e no poeta.

O sol cai esfomeado de luz na noite sombria e o poeta, em incessante busca de luz, insiste nas epifanias possíveis da poesia e compõe um caudaloso rio de palavras, formas e intenções, na sequência, segunda seção do livro, que, não por acaso, recebe o nome de “Alumbramentos”. Os sessenta e um poemas que se seguem irmanam-se na disposição do verso e mostram o trabalho de ourivesaria artesanal, de uma arte que não se dá por satisfeita e busca sempre a forma e a expressão justas para cantar o mundo, a natureza, o homem.

Entre poemas que transitam entre um lirismo profundo e sublime, e algumas incursões por desprezioso e inteligente humor, que pretere o chiste fácil e surpreende pela revelação ou pela simplicidade de uma língua aldeã, há um poeta que igualmente transita entre a suave melancolia – e o sorriso breve – e uma extensa viagem, em busca do infinito, no tempo e no espaço. O vento é seu amigo e aliado, e o vizinho assobio leve sopra mais forte e mais

longe, cartografando adustas terras do Oriente. Cultora de letras, de ventos, de terras, de águas – e do fogo revivescente de Benu –, a poesia atravessa o Atlântico em busca do Mediterrâneo, sem deixar para trás sua aldeia, quiçá, pelo atávico eco da herança arábica, não apenas do alfabeto, que impregna o Nordeste profundo e reverbera. Memória ancestral.

Sempre, sempre verdadeiro, o autor derrama sobre a palavra a percepção mais íntima de si: “Minha vida é feito a lua / decifrada em seus quadrantes / [...] // minha vida é feito a rua // [...] / de sussurros confidentes... // minha vida é feito instantes // [...] / que guardam em mim segredos: / a ternura dos meus dedos... // meu tenso ranger de dentes” (“Cantiga do instante sóbrio”, p. 67); e de seu lugar mais próximo, onde cultivava flores em jardins e, destemidamente, bananas em quintais: “Em meu quintal [...] / respira-se liberdade... *in natura* / de flores e espinhos... mão futura / [...] O mundo inteiro [...] diz-se exposto... / meu quintal dá bananas... vira o rosto / pra vileza do mundo em toska ideia” (“O meu quintal”, p. 85). Quando ama, reconhece-se vassalo: “Quando amo, meu sonho pervagueia / num delírio, sem fim, pelo universo... / impossível pintar tudo num verso / quanto escrever no mar, grafando areia / quando eu amo, o avesso fica inverso” (“Quando amo”, p. 104).

Sua aldeia o convoca, uma e outra vez: “Voltei a minha aldeia... // a bem dizer / minha aldeia ordenou: retorne // – coisas de aldeia” (“Eu e minha aldeia”, p. 49). Ela se expande nas aldeias outras do mundo: “Vai amigo vento, vai / e diz para aquela aldeia longínqua / antiga e minha sempre, sempre”, convertendo-o, a cada volta, em um infinito “filho pródigo” (“Missiva de um filho pródigo”, p. 105).

Majela se move, sem hesitação, pela poesia lírica, sem se prender às formas estróficas. Seus versos, reunidos em duos, trios

ou quartetos, ou dispostos em sequências irregulares, atendem mais à sua sensibilidade que ao vasto domínio que tem das formas, tão elogiado pela crítica aqui citada. Ao “Poemeto inocente”, rima abraçada em versos tetrassilábicos: “Demais amor / atemporal / um vendaval / de luz e cor” (p. 88). No entanto, a “trilha umbilical remota” que o poeta percorre longamente pede a extensão dos versos e da forma, livres: “Busco no tempo as inevitáveis renascenças de Bennu // [...] busco todo esse passado longínquo / para entender, ainda que o mínimo possível / a eterna memória líquida das infinitas galáxias” (p. 41).

O poema que dá nome ao livro é, nas palavras de Alexei Bueno em sua introdução, o texto central da obra. Trata-se

de um desses raros poemas totalizadores, um desses ainda mais raros momentos em que a visão do poeta, confundido com Bennu/Fênix, a que renasce eternamente das próprias cinzas, procura abarcar a Humanidade num único relance [...]. Trata-se enfim, de um poema de uma ambição quase inencontrável na poesia brasileira contemporânea (2018, 21-2).

Por isso mesmo, deve-se respeitosamente nada mais dizer sobre ele, antes deixá-lo falar:

As águas mansas e sábias do grande Nilo consagram à sua foz  
uma inebriante calma, incomum às tardes comuns

descendo rumo ao Mediterrâneo, desde a Floresta Nyungwe...  
depois Jinja, beira norte do lago Vitória

fluindo, fluente para o longínquo delta bifurcado  
para oeste  
o canal de Roseta  
para leste  
o canal de Damietta  
onde o enigmático rio  
transfigura-se em imensidões de mar oceânicas  
quanto mistério, quanto mistério quanto...

tudo é, silenciosamente, rotina de margens e espumas.

(Colares: 2018, 44)

Seguindo o curso das águas, do vento e da memória, o poema se desdobra em muitos. E esse Bennu renascido pelo poeta é verbo, poema e esperança.

Entre a vida e a palavra, feito um dito, aparece, em “Confluência”, uma espécie de súplica da “profissão de fé” de Majela (pequenos presentes para transcrever em papezinhos e distribuir sem comedimento ou esconder em livros, só para achá-los depois). Popular e erudito, Majela, como aedo, recorre ao estilo formular: seus poemas breves ou aforismos líricos tocam o sublime, mesmo refletindo sobre a simplicidade da vida, só para nos lembrar de que a poesia, ah, a “poesia torna a vida bela, ampla e completa. No mundo da poesia não existem impossibilidades!” (p. 123). “Quando quero acarinhar o infinito, uso a poesia” (p. 141).

Sêneca conclama, na epígrafe de “Confluência”: “Falemos o que sentimos, sintamos o que dizemos: que a palavra concorde com a vida” (p. 113). É isso o que dizem esses textos, pequenas centelhas de sabedoria, coloridos de diferentes tonalidades e unidos pela brevi-

dade da forma e por algumas constâncias temáticas, o tempo, entre elas, e que também parafraseiam Jesus. O poeta chama a atenção do leitor para uma verdade com a qual se implica e por isso ela merece reflexão: “Em verdade vos digo: a plena liberdade é inversamente proporcional à intolerância plena” (p. 128).

Na derradeira seção do livro, Majela compõe um índice de verbetes, nos quais infunde o sentido que lhes reconhece ou que lhes concede, como artista da palavra. Cumpre, assim, sua sina de alquimista, como antecipa Octavio Paz na epígrafe de “Lampejos”: “A palavra poética jamais é completamente deste mundo” (p. 147). Nessa seção final, há uma exegese de seu fazer poético, lugar onde reúne noções essenciais da poesia e, à luz da razão, como humanista que é, revela sobre que andaimes edifica sua arte. Seus substantivos constituem um dicionário preservado da corrupção. Assim, destacam-se verbetes como “Homem”, “Consciência”, “Poesia”, “Poema”, “Poeta” (é imprescindível para a grandeza do espírito que se cantem as paixões...), “Crítico”, “Livro”, “Beleza”, “Inspiração”, “Angústia”, “Revivência”, “Esfinge”, “Medo”, “Hipocrisia”, dentre outros. Cito “Convicção”, último dos verbetes e última página da obra:

há muito, o tempo é o meu maior aliado. Sigo seu galope no mesmo compasso – guardo suas marcas, vibro suas cores – tanto em momentos claros de felicidade quanto em turbos momentos de desencanto... E assim, ao longo da vida, em combate nenhum, sequer imaginei e sequer imagino ser derrotado, por mais tenebroso e obscuro que se mostre o conflito. Eu e o tempo afrontamos o próprio tempo.

(p. 178)

Majela Colares, com a poesia, penetra o tempo. Não é essa a missão da poesia, habitar o tempo e com ele confundir-se?

## Referências

- ANDRADE, Janilto. “Alvenaria de palavras”. In: COLARES, Majela. *As cores do tempo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Calibán, 2009, pp. 189-91.
- BÉCQUER, Gustavo Adolfo. *Rimas y leyendas*. Madri: Espasa-Calpe, 1974.
- BUENO, Alexei. “A específica experiência vital de Majela Colares”. In: COLARES, Majela. *O retorno de Benu*. Cotia: Ateliê, 2018.
- CHAMMA, Foed Castro. In: COLARES, Majela. *Quadrante lunar*. Rio de Janeiro: Calibán, 2005.
- GARCÍA, Xosé Lois. “Unha obra que conmemora a vida”. In: COLARES, Majela. *As cores do tempo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Calibán, 2009, pp. 210-2.
- MARTÍN, Norma Pérez. “Vertientes de la poesía de Majela Colares”. In: COLARES, Majela. *As cores do tempo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Calibán, 2009, pp. 184-8.
- PY, Fernando. “A poesia existencial de Majela Colares”. In: COLARES, Majela. *As cores do tempo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Calibán, 2009, pp. 179-80.
- SOARES, Francisco. In: COLARES, Majela. *As cores do tempo*. Rio de Janeiro: Calibán, 2007.